

## A LEITURA DO REAL E SUA RECONSTRUÇÃO EM CRÓNICAS E COLAGENS

Betina dos Santos Ruiz

Docente na Escola Superior Artística do Porto - Guimarães (ESAP - G),  
investigadora no Centro de Estudos Interculturais (CEI - ISCAP) e  
no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM)  
betinasruiz@gmail.com

Entre as crónicas que se submetem aos factos e as que se servem dos factos para superá-los<sup>1</sup>, é com prazer que encontramos a mão e o toque do bom escritor, quer estejamos a ler na condição de professores, eternos estudantes, quer sejamos estudantes a frequentar aulas de uma unidade curricular do ensino superior na qual a leitura é um imperativo - quer, ainda, sejamos cidadãos na confluência de culturas, à procura de compreender a nossa, de origem, e a cultura a que chegamos. Para aprender com quem assimila bem os factos e lhes dá redacção desprentensiva mas exemplar, dando-lhes também uma dimensão em que são o global e o local, o efémero e o perene, é possível e desejável recorrer a mais de um género, em mais de um tipo de arte.

Como investigadora e professora de uma unidade curricular dessa forma caracterizável, pertinente às Letras e às Artes Plásticas<sup>2</sup>, destaco a produção de dois cronistas brasileiros. O primeiro deles é Machado de Assis.

Consciente da importância de se filiar à tradição universal da literatura e, ao mesmo tempo, conquistar independência ao escrever, passava do abstracto ao concreto, do real ao imaginário e, ainda, deste último ao onírico, fazendo-se assim cronista do periódico *Gazeta de Notícias*, ao longo das duas últimas décadas do século XIX.

Como muitos hábeis cronistas, sabia recortar os elementos da realidade, para voltar a montar um panorama com eles, pondo diante do leitor um quadro novo eloquente e inquietante, mais subjetivo do que referencial.

---

<sup>1</sup> *Apud* MACHADO DE ASSIS, *Obra completa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1992. Volume III. pp.325-331.

<sup>2</sup> A unidade curricular é “Estruturas Narrativas”, de 6 ECTS, ministrada na Escola Superior Artística do Porto, Guimarães; é obrigatória para alunos dos cursos de Banda Desenhada e Ilustração e optativa para alunos de Grafismo/Multimédia.

Nas crónicas machadianas é o riso que assegura as passagens aqui aludidas, é o olhar irónico que aproxima o cronista da superação dos factos. Nas travessias do actual para o clássico, do pequeno para o grandioso etc, em si, quase o podemos afirmar, assegurava o transporte do leitor.

A rir da realidade e das suas incoerências, isto é, a perceber que aqueles acontecimentos tomados como mote para uma crónica não valiam por eles mesmos, embora merecessem sempre a mais séria atenção do jornalista e do escritor de ficção, Machado de Assis logrou compor, comunicar com leveza<sup>3</sup> e deliciar o leitor na transcendência da matéria fria do jornal, da matéria crua do cotidiano.

Notemos, por exemplo - e para isso buscámos uma citação mais ou menos longa -, como ele foi unindo descobertas, sempre com graça, sempre com sentido, de forma inclusive a confundir um leitor mais distraído, que poderia julgar que o cronista não estava a falar realmente daquele momento histórico e dos problemas a ele associados:

“Não tendo assistido à inauguração dos *bonds* elétricos, deixei de falar neles. (...) Anteontem, porém, indo pela Praia da Lapa, em um *bond* comum, encontrei um dos elétricos, que descia. (...) o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu *bond*, com um grande ar de superioridade (...) Em seguida, admirei a marcha serena do *bond*, deslizando como os barcos dos poetas (...) Mas, como íamos em sentido contrário, não tardou que nos perdêssemos de vista (...) Nem por isso o perdi de memória (...) perto do fim da linha e já

---

<sup>3</sup> Italo Calvino, autor presente no programa da U.C. “Estruturas Narrativas” como o teórico de *Seis propostas para o próximo milénio*, apresenta justamente a leveza como qualidade cara aos textos literários, isto é, como característica dos bons textos ficcionais, o que talvez não reforce a definição de crónica mais usual, de acordo com a qual ela é um texto híbrido, algures entre o livro e o jornal. Essa posição intermédia permitirá vislumbrar a intimidade que a crónica promove? Pode ser reveladora a informação de que os livros de apoio ao ensino obrigatório brasileiro dedicam à crónica muitas páginas nos volumes de Literatura, indo dos autores já mencionados neste artigo a Clarice Lispector e a Carlos Heitor Cony, tomado inclusive como analista do género: “o género é romântico por definição e necessidade” (INFANTE: 2000). Esses mesmos livros paradidáticos fazem referência a Ignácio de Loyola Brandão, Moacyr Scliar e Antonio Candido, que a propósito das crónicas colaborou em 1979 com o volume 5 da conhecida coleção “Para Gostar de Ler”, da editora Ática (CEREJA: 2000). Em Portugal, os alunos da U.C. referida neste artigo já liam contos nos quais a leveza está presente, contos de Katherine Mansfield, de Gabrielle Colette, de Ferenc Molnár, por exemplo. No semestre cujo desenrolar estamos aqui comentando, ficaram especialmente agradados com a leveza/sutileza das crónicas (leram também “Odabeb”, de Rubem Braga, presente no 5º e último volume dedicado às crónicas, na coleção “Para Gostar de Ler”) e o trabalho plástico teve igualmente esse traço, como teremos oportunidade de ver nos anexos que se seguem à transcrição da crónica “Coração Segundo”.

noite, éramos só três pessoas (...) Os dous cochilavam, eu pensava. De repente ouvi vozes estranhas; pareceu-me que eram os burros que conversavam”<sup>4</sup>

A abertura, o desenvolvimento e o fecho das crónicas machadianas são exemplares, em termos de liberdade criativa. Naquela cuja abertura foi aqui transcrita, os burros ouvidos pelo cronista e narrador dos factos teciam comentários sobre as injustiças dos homens: um tentava mostrar ao outro que a espécie a que eles pertencem sempre seria prejudicada pelos homens (astutos, mas não inteligentes). Segundo ele, nem adiantava que um burro desejasse a chegada dos bondes elétricos, pois todo burro continuaria a ser propriedade da companhia de transportes públicos, até ser negociado com outros donos. O outro animal, que até então só ouvia, advertiu que o companheiro de parilha era um lúgubre, ao que este respondeu que a qualidade da esperança também deveria ser debitada da conta dos homens, porque em burros não ficava bem...

Eis como Machado de Assis, cronista, introduzia o leitor dos periódicos nas novidades tecnológicas do Brasil de fins do século XIX e também nas expectativas dos seus utentes, para chegar ao mal menos noticiável, por assim dizer, que ao fim e ao cabo era a razão maior dos homens naquele período histórico, naquele determinado lugar, em direção ao que alguns poderiam chamar e até hoje chamam “progresso”.

No quadro feito por Machado de Assis, burros tinham mais sensibilidade e acuidade do que homens; burros argumentavam, exploravam essa arte, enquanto homens se valiam da aparência de seres superiores; homens, enfim, agiam estupidamente, pois tinham em vista os lucros - mais do que o urbanismo, mais do que a boa criação dos animais, mais do que a justiça para com os cidadãos.

Observando a realidade e pinçando dela cenas possíveis, verosímeis porque demonstradas, o escritor fez nova realidade com cenas risíveis e inusitadas, porém legítimas e elucidativas.

Será tal herança relevante para a legitimação da crónica no Brasil, país especialmente identificado com a escrita e a leitura desse género, desde que os jornais assumiram espaço na vida das pessoas? Ainda antes disso, terão sido relevantes, também, as crónicas históricas redigidas para a metrópole portuguesa, dando a conhecer acontecimentos da periferia brasileira?

---

<sup>4</sup> MACHADO DE ASSIS, *Obra completa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1992. Volume III, pp-550-551.

Lembremos que nem sequer era permitido imprimir e publicar no Brasil, aquando da escrita das crónicas históricas<sup>5</sup>. Serão as crónicas - sempre menos intrincadas do que os contos - atrativas para os portugueses na mesma medida em que o são para os brasileiros? Será o tema do desconcerto do mundo, presente em “Coração Segundo”, de Carlos Drummond de Andrade, autor editado e premiado em Portugal<sup>6</sup>, o que une portugueses e brasileiros, herdeiros que são de Luís de Camões, de Fernando Pessoa, de Guimarães Rosa?

Longe de oferecer neste artigo resposta irrefutável, assumimos a questão como retórica e com ela aproveitamos para introduzir o trabalho do segundo cronista brasileiro de nosso especial interesse, o cronista poeta Drummond, “de estirpe machadiana, meticoloso e irônico, distante e sempre presente... um jornalista de seu tempo”<sup>7</sup>. A introdução ao trabalho dele, que publicou no *Jornal do Brasil* a partir de 1969, quando já era antigo seu contributo como jornalista, permitirá apresentar as colagens feitas especificamente a partir da crónica referida, por estudantes da Escola Superior Artística do Porto, unidade de Guimarães (doravante ESAP-G).

Ao depararmos com a afirmação de que a crónica é “um comentário à margem da História”<sup>8</sup>, pista oferecida para a exegese das crónicas de outro autor, Luis Fernando Verissimo, temos um ponto de partida para a leitura da crónica com que os alunos da ESAP-G andaram às voltas.

Se comentar à margem da História é parte do padrão que um cronista da contemporaneidade segue, se ele de verdade procura olhar a História de um ângulo apartado, pessoal, porventura precário, deslocado do centro dos acontecimentos de grande visibilidade, vejamos o que dizer de Carlos Drummond de Andrade, em “Coração Segundo”.

Logo no primeiro parágrafo, ele construiu um paralelismo entre acção/ vida prática, dentro e fora dos jornais, sugerindo que as faculdades que habilitam todos a amar escasseiam nos jornalistas: “A operação sigilosa foi ignorada pelos repórteres”, ao passo que, às vezes, em

---

<sup>5</sup> A primeira tipografia brasileira surgiu depois da chegada ao país da família real portuguesa, em 1808. A liberdade de imprensa, no entanto, viria com uma determinação de 1821. Em países de colonização hispânica, as datas são muito diferentes: em Nova Espanha, por exemplo, a primeira publicação da imprensa é de 1535; no Peru, é de 1583; na Argentina, de 1733. No Brasil, apesar do elevado número de analfabetos àquela altura, a leitura de jornais feita em grupo começou a alterar perfis, representando, por isso, um canal interessante de criação de identidades.

<sup>6</sup> O prémio de poesia é Morgado de Mateus, atribuído a Drummond em 1980, ano da instituição do próprio prémio.

<sup>7</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *De Notícias e Não-Notícias Faz-se a Crônica*. Rio de Janeiro, Record, 1993. p.3

<sup>8</sup> *Apud* VERISSIMO, Luis Fernando. *O Gigolô das Palavras*. Crônicas Seleccionadas e Comentadas por Maria da Glória Bordini. Porto Alegre, L&PM, 1996. p.100.

alguns sujeitos mais vigilantes<sup>9</sup>, elas transbordam: “Tornei-me, assim, homem de dois corações”. Antes de encerrar esse mesmo parágrafo e também no terceiro, reconheceu nos potenciais leitores de jornal e nele próprio algum lapso na percepção dos movimentos que o (des)amor promove: “Nenhum vizinho desconfiou”, “Na manhã seguinte, ao ler as notícias... não senti absolutamente nada”.

Depois dessas coordenadas, entrou nos domínios da Arte, ao louvar a liberdade de criação: “Nunca dei importância a leis de semelhança e verossimilhança, que sufocam toda espécie de criação”, afastando-se mais ainda, dessa forma, dos meandros do jornal, que se quer veículo de textos ou mais referenciais ou mais didáticos, de modelo expositivo que dita modas e também ensina (com a infografia, com as reportagens, com as entrevistas e os editoriais), neste caso pelo recurso à realidade.

O cronista então associou a criação ao desapego, afirmando que ao fazer bonecos de barro não estava a fazer Arte, mas a se dedicar a uma tarefa de certa forma exigente, para oferecer algo às crianças. No penúltimo parágrafo da crónica voltará a elas, às crianças de quem afirma gostar, porque uma das suas frustrações é justamente não mais poder cativá-las.

Afinal, é isso tudo a leveza (a que a crónica oferece, a que o leitor busca e assimila, a que o coração, os olhos, as mãos produzem diariamente)? Ou leveza é apenas ter recursos pessoais e utilizá-los? Ou leveza será, antes, abrir mão da percepção e da capacidade de criação, para assistir impassível aos acidentes alheios? O cronista anuncia a leveza, dizendo: “O coração funcionava a contento. Fui para o trabalho experimentando sensação inédita de leveza”. O leitor, ao acompanhar o seu relato de duas páginas, descobre que a seguir à renúncia do estar atento e do agir com base nessa atenção, o que temporariamente traz leveza, vem uma profunda sensação de peso. Nosso mundo, para o qual as máquinas não dão uma resposta cabal, dá-nos essa condição, essa instabilidade. Um coração novo não resulta. Aparelhos de radiografia para detectar problemas nos corações não resultam. Esculpir em segredo e em constante dor não resulta.

O famigerado desconcerto do mundo, que já havia mobilizado Drummond no livro de poemas de 1951, *Claro enigma* (“Triste é não ter um verso maior que os literários,/ é não compor

---

<sup>9</sup> Nesse sentido, podemos entender o cronista desse texto, que se apresenta como alguém que possui “extrema habilidade manual, aguçada à noite”, e que está muito atento às vicissitudes e a outros dramas no Paquistão, na Irlanda, no Vietnã etc. Há nessa caracterização do cronista uma dose de ironia e há, também, uma provável chamada de atenção para a passividade e para a banalização que o próprio jornal, veículo das crónicas, gera.

um verso novo, desorbitado, /para envolver a tua efígie lunar,ó quimera,/ que sobes do chão batido e da relva pobre”), está na crónica de que falamos, quando o narrador encerra o seu raciocínio, questionando-se: “Que fazer? E vale a pena fazer? A manhã tarda a chegar, e não encontro resposta em mim”. É semelhante, na poesia e na crónica, a sensação de ingloria, de obscuridade, de impotência. O homem ao qual alguma revelação poderia fazer a diferença, mas não o faz, o homem capaz de falsear, pela escrita, afinal não forja o próprio coração, e não o controla quando o fabrica em segredo, com materiais ordinários.

A fim de construir as colagens, os alunos leram a crónica em casa, fotocopiada. Em sala de aula, ouviram a sua leitura, e durante a posterior discussão souberam, por exemplo, que há na praia de Copacabana, Rio de Janeiro, uma estátua de Carlos Drummond de Andrade; descobriram igualmente quem foi Lampião, personagem da região nordeste do Brasil citada pelo cronista; lembraram a ligação da crónica com o jornal, já explorada no ensino obrigatório português; levantaram algumas questões de vocabulário (o “isopor”, o “oiti”), sem deixar de notar que o secretismo do narrador, a sua discrição quanto aos processos mecânicos da troca de corações era intencional, estava ali para provocá-los com a segura, com a dureza, como uma declaração de que à aridez do estar no mundo que conhecemos deve corresponder um silêncio mais dignificante, mais modesto, uma supressão de peso que não signifique abdicar de sentir, que não signifique abdicar de comunicar.

Assim desvendando mecanismos subjacentes à construção da crônica, passaram à colagem, pesquisando essa parte específica do trabalho de Matisse, exposta temporariamente no *site* <http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2014/matisse/>; separaram as colagens que mais os tocavam, para uma troca com a professora e os colegas, na aula seguinte; viram outros artistas, que divulgam o seu próprio trabalho pela internet, como Eugenia Loli. Olhámos várias colagens dela, para que todos estivessem à vontade para experimentar também a colagem digital que ela explora.

Começaram então a surgir resultados, dos quais destaco, respeitando a ordem em que estão dispostos no anexo deste artigo, os seguintes:

1) as duas colagens da aluna Gabriela Laurindo Dertonio: a primeira feita com um Drummond contemplativo e sereno, a dividir seu banco de praça pública com algumas das personagens que ele retirou da realidade de outros tempos, Lampião e Carlitos, tendo às costas o areal da praia,

num ambiente de sonho, de alusão ao espaço que nos transcende, nos intimida não fosse a nossa possibilidade de representá-lo; nada os constrange, apenas uns posam e outros, admiram; a segunda feita a partir de uma cena de fuzilamento que se converte, aos olhos do observador, em vida, pois os atiradores estão rodeados por borboletas e seus alvos, agachados, têm flores viçosas a cobrirem a zona da cabeça (terão os projéteis rebentado em pétalas? estará o chão coberto de cinzas, como está o horizonte tomado por tons de um fim de tarde? estarão ali representados ciclos de fim e de começo, cadeias que não precisam ser separadas ou causar estranhamento ou dor?);

2) a colagem da aluna Maria de Fátima Terra Lima, segundo a qual um só tronco abriga um coração enorme, meio máquina meio baú de tesouros, de preciosidades; ele é que alimenta duas cabeças, uma delas riso, outra dor. Onde está a dor, está projetado um jornal, onde fica o riso, projeta-se a beleza, na efusividade das cores e das formas. Cabeças são negras e débeis, como o são braços e mãos. Exuberante é mesmo o coração e pode ser também o que o sujeito, coração e cabeça implicados, projeta na realidade;

3) a colagem do aluno João Silvestre Faria Fernandes: num Rio de Janeiro de praia, mas de céu denso, de intimidar (e não um “céu de brigadeiro”, como dizem os brasileiros, para um céu azul, limpo de nuvens), são as crianças que enxergam o homem que passeia com o coração novo; ele não mira na direção delas, parece mais ocupado em se aguentar perante aquela paisagem, parece ele mesmo um boneco assustador, todo ele emendas, todo ele misturas que não condizem; uma das crianças olha, para ele ou para nós, no mais tudo permanece indiferente, num recorte repleto de intervenções;

4) a colagem do aluno Diogo Rafael da Silva Pereira, que apresenta um Drummond sorridente e ao mesmo tempo vestido de negro, trama do casaco a se denunciar, capaz de preencher quase toda a página; é encoberto em parte por um coração desconectado do corpo e mesmo assim de cor muito viva. No fundo do quadro, a paisagem é amena, de um lado e, do outro, não existe sequer.

Nota-se que houve cuidado em escolher elementos da crônica e dos universos a que ela aponta, e houve também uma posterior combinação em que estão presentes o pacífico e o mal resolvido em nós, a generosidade do amor, da vida, e o desamparo/desânimo ou até a destruição. Mesmo no choque dessas perspectivas, na justaposição de mundos em movimento e mundos estagnados, a leveza se faz reconhecer, as relações entre pessoas ou entre pessoas e coisas faz nascer o questionamento, faz o observador da colagem refletir.

Nesse processo de sondagem das possibilidades da realidade, sem se afirmarem de maneira muito ambiciosa, sisuda ou tradicional, os alunos se valeram da irreverência da colagem, do *nonsense* da colagem, da sua provocação pelo inusitado e pelos deslocamentos. Trabalharam à semelhança dos cronistas, à semelhança desses observadores à margem da História.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *De Notícias e Não-Notícias Faz-se a Crônica*. Rio de Janeiro, Record, 1993.

CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

CEREJA, Willian Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Texto e Interação*. São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Português: Linguagens. Literatura - Produção de texto - Gramática. São Paulo, Saraiva, 2000.

<http://eugenialoli.tumblr.com/>, consultado em 31 de janeiro de 2015

<https://www.facebook.com/EugeniasCollages>, consultado em 31 de janeiro de 2015

<http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2014/matisse/>, consultado em 31 de janeiro de 2015

INFANTE, Ulisses. *Textos: Leituras e Escritas*. São Paulo, Scipione, 2000.

MACHADO DE ASSIS, *Obra completa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1992.

Para Gostar de Ler, Volume 4 - Crônicas. São Paulo, Ática, 1998.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O Gigolô das Palavras*. Crônicas Seleccionadas e Comentadas por Maria da Glória Bordini. Porto Alegre, L&PM, 1996.

## Anexos

### - A crónica

#### CORAÇÃO SEGUNDO

Carlos Drummond de Andrade

- De acrílico, de fórmica, de isopor, meticulosamente combinados, fiz meu segundo coração, para enfrentar situações a que o primeiro, o de nascença, não teria condições de resistir. Tornei-me, assim, homem de dois corações. A operação sigilosa foi ignorada pelos repórteres. Eu mesmo fabriquei meu coração novo, nos fundos da casa onde moro. Nenhum vizinho desconfiou, mesmo porque sabem que costumo fechar-me em casa, semanas inteiras, modelando bonecos de barro ou de massa, que depois ofereço às crianças. Oferecia. Meus bonecos não têm arte, representam o que eu quero. Fiz um Einstein que acharam parecido com Lampião. Para mim, era Einstein. Os garotos riam, tentando adivinhar que tipos eu interpretara. Carlito! Não era. Às vezes, não sei por quê, admitia fosse Carlito. Nunca dei importância a leis de semelhança e verossimilhança, que sufocam toda espécie de criação.

Mas, como disse, fiz meu coração sem ninguém saber. E à noite, em perfeita lucidez, abrindo o peito mediante processo que não vou contar, pois minha descrição talvez horrorizasse o leitor, e eu não pretendo horrorizar ninguém — abrindo o peito, instalei lá dentro esse coração especial, regulado para não sofrer. Ao mesmo tempo, desliguei o outro. Como? Também prefiro não explicar. Posso extrema habilidade manual, aguçada à noite, e sei o que geralmente se sabe dos órgãos do corpo e suas funções e reações, depois que ficou na moda tratar dessas coisas em jornais e revistas. Além disso, minha capacidade de resistir à dor física sempre foi praticamente ilimitada. Desde criança. Mas as dores morais, as dores alheias, as dores do mundo, acima de tudo, estas sempre me vulneraram. Recompus a incisão, senti que tudo estava perfeito, e fui dormir.

Na manhã seguinte, ao ler as notícias que falavam em fome no Paquistão, guerra civil na Irlanda, soldados que se drogam no Vietnã para esquecer o massacre, explosão experimental de bombas de hidrogênio, tensão permanente no Canal de Suez, golpes vitoriosos ou malogrados na América Latina, bem, não senti absolutamente nada. O coração funcionava a contento. Fui para o trabalho experimentando sensação inédita de leveza. No caminho, vi um corpo de homem e outro

de mulher estraçalhados entre restos de um automóvel. Pela primeira vez pude contemplar um espetáculo desses sem me crispar e sem envenenar o meu dia. Fitei-o como a objetos de uma casa expostos na calçada, em hora de mudança. E passei um dia normal. Trabalho, refeições, sono, igualmente normais, coisa que não acontecia há anos.

Meu coração fora planejado para evitar padecimento moral, e desempenhava bem a função. Assisti impassível a cenas que antes me fariam explodir em lágrimas ou protestos. Felicitei-me pela excelência. Mas aí começou a ocorrer um fenômeno desconcertante. Eu, que não sofria com as doenças que me assaltavam, passei a sentir reflexos de moléstias inexistentes. Simples corte no dedo, sem inflamação, afligia-me como chaga aberta. Dor de cabeça que passa com um comprimido ficava durante semanas. Meu corpo tornou-se frágil, exposto ao sofrimento. E eu não tinha nada. Consultei especialistas. Fiz checkup, não se descobriu qualquer lesão ou distúrbio funcional. Eram apenas imotivadas, gratuitas. Meu coração nº 2 passava pela radiografia sem ser percebido. Irredutível à dor moral, era invisível a aparelhos de precisão.

Comecei a sofrer tanto com os meus males carnis que a vida se tornou insuportável. A dor aparecia especialmente em horas impróprias. Em reuniões sociais. Em concertos. No escritório, ao tratar de negócios. Então fazia caretas, emitia gemidos surdos, assumindo aspecto feroz. Assustavam-se, queriam chamar ambulância, eu recusava. Tinha medo de que descobrissem o coração fabricado.

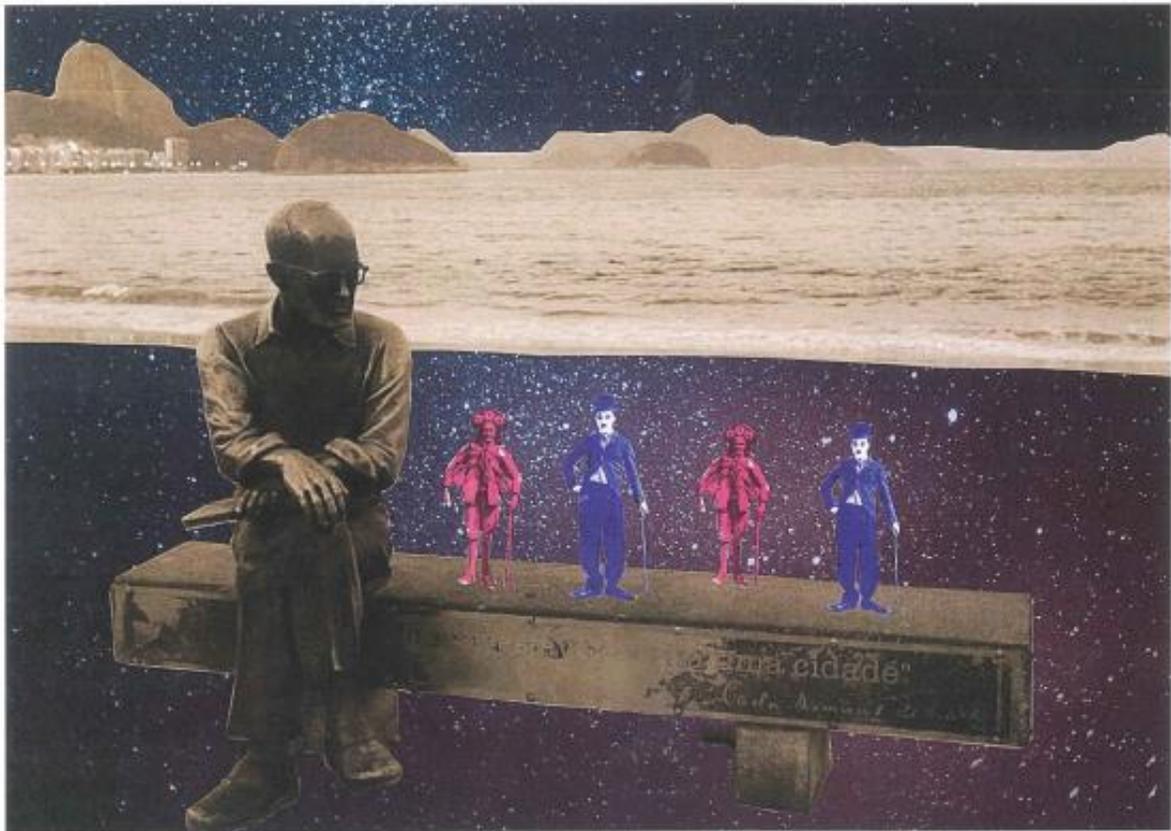
Outra coisa: as crianças começaram a achar estranhos meus bonecos, não queriam aceitá-los. Sempre gostei de crianças. E elas me repeliam. Esmerei-me na feitura de peças que pudessem cativá-las, mas em vão.

Hoje vi um homem encostado a um oiti, diante do mar. Sua expressão de angústia dava ao rosto o aspecto de chão ressecado. Tive pena dele. Surpreso, ignorando tudo a seu respeito, mas participando de sua angústia e trazendo-a comigo para casa.

Agora à noite, decidi-me. Voltei a abrir o peito e examinei o coração segundo. Com pequena fissura no isopor, já não era perfeito. Ao tocá-lo, as partes se descolaram. Inútil restaurá-lo. Joguei fora os restos, liguei o antigo e fechei o cavername. Talvez pela falta de uso, sinto que o coração velho está rateando. Que fazer? E vale a pena fazer? A manhã tarda a chegar, e não encontro resposta em mim.

## As colagens

Aluna: Gabriela Laurindo Dertonio



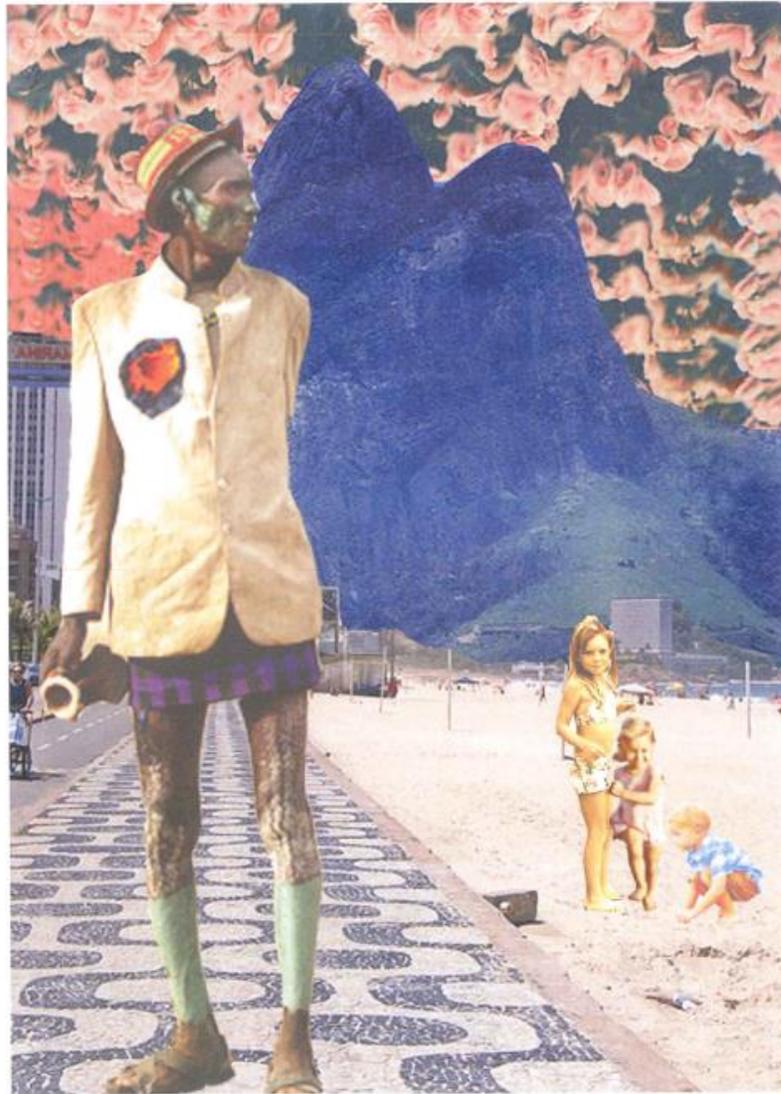
*Gabriela Dertonio*



Gabriela Dertonio



Coisas seguintes  
flava dora  
do destino



Aluno: Diogo Rafael da Silva Pereira

